

UM PROJETO PARA FABULAR ESPAÇOS ATRAVÉS DO DESENHO

RAFAELA BARBOSA RIBEIRO¹; HELENE SACCO GOMES²

¹Universidade Federal de Pelotas – rafaelabriereiro@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – sacco.h@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este resumo é um recorte de uma pesquisa que se encontra em fase inicial no Programa de Pós-Graduação de Artes na linha de Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano da Universidade Federal de Pelotas. A pesquisa dá continuidade às inquietações despertadas pelas experiências que tive em minha trajetória artística, em especial àquelas relacionadas ao meu processo criativo, que guiaram meu trabalho de conclusão de curso, no bacharelado em Artes Visuais, intitulado “Tudo o que faz parte do desenho” (2021). Nele, investiguei o desenho como ponto de partida para produzir em outras linguagens e construí discussões acerca da potência do desenho em ser algo além de uma linha no papel. Partindo do pressuposto de que há tridimensionalidade no desenho e que esta é “uma condição inerente” (RIBEIRO, 2021, p. 22) da linguagem, darei continuidade às minhas investigações. Nesse sentido, este projeto toma o desenho como meio, como linguagem que busca operar a “fabulação” (Deleuze; Guattari, 2010; Deleuze, 2011) dos espaços e de seus contextos. Assim, definir o desenho, os espaços e seus contextos são processos fundamentais para essa produção poética que se intenciona a fabular vivências cotidianas. Intuo que o espaço público se apresenta como parte importante dessa pesquisa, junto de seus limites e suas expectativas. Seja a partir de convenções culturais, de valores compartilhados, de hábitos e/ou dinâmicas sociais, esses elementos fazem parte do que pode ser um espaço público.

Diante disso, me inclino a pesquisar o espaço como um conjunto de acontecimentos, de forças, de traços relacionais, por onde é possível fabular; ou seja, inventar mundos impossíveis (DELEUZE, 2011), onde o desenho encontra o espaço. Assim, problematizar o que pode o desenho na sua relação com o espaço e vice-versa. Quero dizer, entender o espaço ao desenhar nele, por uma relação intercessora, operando deslocamentos da percepção habitual e, dessa maneira, apresentar outras possibilidades de encontros, de vivências e de experimentações da espacialidade. Ao fabular é possível operar um entrelaçamento entre o espaço e o desenho de maneira que o modo de pensar sobre esses dois elementos se fundem e funcionam de maneira simultânea, porque penso o desenho e penso pelo desenho. É através dele que meu corpo (ações, gestos, pensamentos, sensações, experiências...) é afetado e também é por ele que provooco o mundo (intervindo em espaços, materiais, ideias, processos, contextos, acontecimentos...). Estes são direcionamentos que pretendo continuar elaborando com mais atenção, definição e profundidade durante a pesquisa.

2. METODOLOGIA

Influenciada pela pesquisa no campo das Artes Visuais, especialmente na linha de Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, que se atenta aos modos e à produção de arte por meio do fazer e do processo criativo do artista,

percebe-se, segundo Pareyson (1991, p. 59, apud REY, 2002, p. 125), que a criação demanda que o artista invente o seu próprio modo de fazer. Lancri (2002) aponta que o modelo de tese em artes plásticas é flexível, se reinventa a cada pesquisa e que uma tese em artes não segue um modelo fixo.

Para guiar meu processo criativo, utilizarei o conceito de “fabulação” de Deleuze (DELEUZE, 2010) para entrelaçar as linguagens (desenho e espaço) e também como modo de operar essas linguagens. Ou seja, a fabulação é um método de intervir no espaço através do desenho. Para Deleuze, a fabulação permite a construção de narrativas que desafiam as normas e as expectativas, possibilitando os “mundos impossíveis” que não se limitam à realidade imediata. A fabulação é vista como uma forma de se relacionar com o mundo que permite a transformação e a mudança, centrais para a experiência. Como referencial artístico, me dedicarei principalmente ao trabalho da artista Carmela Gross (1946) na intenção de encontrar maneiras de dar significado a algumas inquietações, principalmente quanto à fabulação entrelaçada pelo desenho. Para Ana Maria Belluzzo, a artista busca pelo direito de manejar o impossível (BELLUZZO, 2000) e que “mesmo quando trata de nuvens, seu olhar se desloca no mundo da cultura e não da natureza” (BELLUZZO, 2000, p. 13). Esclarece então que, inventar mundos impossíveis como modo de produção artística, não se trata de implementar novos planetas e civilizações, mas de reapresentar modos de vida e de propor outras maneiras de percepção de uma cultura que está sempre em movimento. Isso segue na direção ao que Vinci (2021) argumenta sobre parte da fabulação ser um exercício de acreditar nas possibilidades de experimentar e perceber o mundo a ponto de se permitir fabular outros modos de existência (VINCI, 2021, p. 344), ou seja, não se descolar das vivências, mas se apropriar delas para invenção.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A investigação proposta pretende fabular outros modos expositivos dos espaços públicos através das minhas produções artísticas, explorando aspectos da percepção e da organização destes lugares. Apesar deste ser um projeto por vir, ele corresponde a um processo do qual já foi realizado em trabalhos anteriores, principalmente em “Um Grande Plano” de 2021, “...como quem não quer nada” de 2021, “A Vertigem Está em Alta” de 2019, “Mensura” de 2019, e “Espaço” de 2018. Aqui vou aprofundar a discussão da temática da pesquisa a partir do trabalho “Um Grande Plano”, que entendo como força motriz deste pensamento.

Em “Um Grande Plano” de 2021 (Figura 1 e 2), me inquietou a possibilidade de brincar com a imagem da paisagem, construindo, desconstruindo e reconstruindo as linhas e ainda extrair disso, um pensamento crítico à realidade. Olhar a paisagem com intenção de inventar mundos impossíveis ao construir cercas na amplitude do céu, fazendo dessas cercas meros riscos sem responsabilidade de limitar. Esse aspecto livre e potente do desenho é capaz despertar discussões políticas de questionamento das fórmulas do mundo. É por acreditar nessa potência e liberdade do desenho, sutil e muitas vezes sorrateira, que apresento este trabalho com maior destaque.

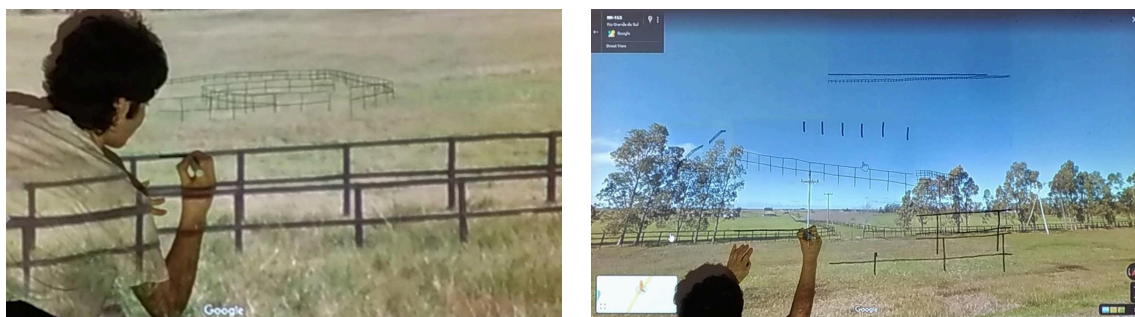


Figura 1 e 2 - Frames do vídeo “Um Grande Plano” de 2021. Fonte: Acervo próprio.

Os demais trabalhos seguem a sutileza, a precisão e a clareza de provocar às expectativas postas de uma realidade social e cultural, sejam elas maneiras de trabalhar, esperar¹, perceber os territórios e/ou perceber a si mesmo. Ou seja, as qualidades do desenho se apresentam também em outros formatos além da linha, às vezes como palavras, frases, sugestões, conduções... como delicadas inserções que operam a fragilidade que é transportar o gesto gráfico para o mundo físico. (KYRIAKAKIS, 2007). Nesse contexto, o desenho é uma forma de denunciar o que está posto, uma denúncia que se imprime nas entrelinhas como sendo um grande plano de ação. Assim, me intento a olhar, ver, perceber, experimentar, inventar e fabular sobre essa malha de contradições e belezas que é o desenho frente aos espaços.

4. CONCLUSÕES

Através da etapa inicial de elaboração do projeto de pesquisa foi possível compreender a dimensão que esta investigação pode tomar no campo artístico e filosófico. Em resumo, utilizarei referenciais teóricos do campo da pesquisa em arte, conceitos da filosofia de Deleuze e Deleuze-Guattari e processos criativos de artistas, bem como suas obras. Mesmo com o forte teor teórico que se apresenta, esta trajetória inicial também tem estimulado a produção e a revisitação de alguns trabalhos e/ou processos anteriores realizados por mim na busca de produzir fabulações entre espaço e o desenhar. Além disso, analisar diferentes modos de fabular o espaço a partir dos referenciais e iniciar uma tentativa de dar significado aos termos recorrentes nesse processo, como fabular, desenhar, escrever, legendar, espaço e mundo, surgem como reações iniciais dessa pesquisa. Assim, estimulam a elaboração de questões, reflexões e dúvidas que guiarão o desenvolvimento desta pesquisa, que por sua vez vai se revelar ao longo do caminho.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLUZZO, Ana Maria. **Carmela Gross**. São Paulo. Cosacnaify, 2000.

¹Trabalhar e esperar são os verbos utilizados nos trabalhos da série “...como quem não quer nada”, formando as frases escritas nas faixas: “espero, como quem não quer nada” e “trabalho, como quem não quer nada”.

BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (orgs.). **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em Artes Plásticas**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Tradução Peter Pal Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é Filosofia?**. São Paulo: Editora 34, 2010.

REY, Sandra. POR UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA DA PESQUISA EM ARTES VISUAIS. In: BRITES, Blanca e TESSLER (orgs). **O meio como ponto zero: Metodologia de pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

KYRIAKAKIS, Georgia. **Desenho como matriz**. In: Disegno. Desenho. Desígnio. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

LANCRI, Jean. Colóquio sobre metodologia da pesquisa em Artes Plásticas na Universidade. In: BRITES, Blanca e TESSLER (orgs). **O meio como ponto zero: Metodologia de pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

RIBEIRO, Rafaela B. Tudo o que faz parte do desenho. 190. Trabalho de conclusão de curso - UFPEL, Pelotas, 2021.

VINCI, Christian F. R. G. Crer, experimentar, fabular: ensaio sobre a experiência? **Revista Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 35, n 73., p. 341-372, jan/abr. 2021. ISSN Eletrônico 1982-596X.